

Nos modos de (r)existência: a vida como literatura para Adriana Armony

Rodrigo Felipe Veloso*

Universidade de Montes Claros – Unimontes | Minas Gerais, Brasil

rodrigof_veloso@yahoo.com.br

Cada homem leva consigo, na claridade de seu rosto, o contorno de seu próprio paraíso.¹

[...] é bela a morte voluntária. Que a vida escolhem por nós, mas a morte somos nós que a escolhemos.²

Rodrigo Veloso: Sua obra frequentemente dialoga com temas da tradição judaica. Como o Judaísmo influencia sua escrita e a construção das suas personagens?

Adriana Armony: O judaísmo está na minha escrita na medida em que ele é parte de mim – meus valores, meu corpo, minha sensibilidade. De forma mais específica, eu diria que o meu olhar é de alguma forma marcado pelo exílio, uma mistura peculiar de proximidade e distância. Sem falar dos personagens e da influência de escritores judeus.

Rodrigo Veloso: Quais aspectos da identidade judaica você considera mais desafiadores de representar na literatura contemporânea? Como lida com o tema da morte em seus livros?

Adriana Armony: Na verdade nunca pensei nesses termos, mas eu diria que um desses aspectos é a capacidade de fazer perguntas e de ser ao mesmo tempo nós mesmos e o outro. Sobre a morte, a vejo, entre outras coisas, como um lembrete de finitude capaz de encher a vida de sentido.

Rodrigo Veloso: Como é seu processo de escrita? Você segue uma rotina específica ou prefere escrever de maneira mais intuitiva? Como as críticas e o *feedback* dos leitores influenciam sua escrita? Você considera a recepção do público ao planejar novos projetos?

Adriana Armony: Errático. Quando sento para trabalhar, nas brechas possíveis, muito do que escrevo já tinha sido escrito dentro de mim. Acho que as críticas e *feedbacks* dos leitores do livro publicado não me influenciam muito, porque cada novo projeto é

* Professor na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora, possui pós-doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais.

¹ Rabi Nachman.

² Armony, 2008, p. 196.



um universo diferente. Mas no processo de edição gosto muito de conversar com amigos leitores e editores, que muitas vezes apontam questões e fazem sugestões valiosas.

Rodrigo Veloso: Você vê a literatura como uma forma de preservar a memória e as tradições judaicas, especialmente em contextos de diáspora?

Adriana Armony: Eu diria que vejo a literatura como forma de preservar, reestruturar e ressignificar memórias, no contexto de diáspora histórica ou existencial, no judaísmo ou não.

Rodrigo Veloso: Em *Judite no país do futuro*, há uma forte presença de ritos e vestígios do Judaísmo. Como você equilibra, incorpora a tradição e a modernidade na construção dessa narrativa? Eles elementos foram inspirados em experiências pessoais ou em pesquisas históricas?

Adriana Armony: Em *Judite*, especialmente, há um percurso da tradição à modernidade, da solidez à diáspora, da tradição à fragmentação. As três partes (ou novelas) correspondem a estágios desse processo, culminando na proliferação do câncer e da descendência, onde emerge o diferente, o estranho. Esses elementos foram inspirados tanto em experiências pessoais (nas Diretas Já, por exemplo) e familiares (toda a primeira parte e parte da segunda parte se baseiam diretamente no relato verídico da minha avó) quanto em pesquisas históricas (sobre a Grande Guerra, o navio *Rusland*, *Lampião*, Stefan Zweig...).

Rodrigo Veloso: Ainda sobre a narrativa *Judite no país do futuro* que menciona tratar-se de três novelas. Sobre a novela dois, intitulada *Exílio* (*Além Paraíba*, 1942), mais particularmente no ponto sete tem-se a cena da morte do escritor Stefan Zweig e sua esposa Lotte em que cito o excerto: “o nazi-fascismo estava fazendo suas primeiras vítimas no Brasil; mais cedo ou mais tarde, a declaração de guerra seria inevitável” (Armony, 2008, p. 196). Poderia comentar tal cena do ponto de vista sócio-histórico, do processo da verossimilhança e da metaficção.

Adriana Armony: Na sua carta de despedida por ocasião do duplo suicídio, Zweig escreve “Que lhes seja dado ver a aurora desta longa noite. Eu, demasiadamente impaciente, vou-me antes.” No caso do excerto citado, o dado de realidade da guerra na Europa, bem como a depressão de Zweig com a perseguição e o exílio, se somam à hipótese de que não apenas a noite da guerra era longa, mas se aproximava cada vez mais do Brasil, no contexto da ditadura de Getúlio Vargas. Lembremos que nesse mesmo ano de 1942, Olga Benário Prestes, deportada anos antes do Brasil, foi executada na câmara de gás com mais 199 prisioneiras, no campo de extermínio de Bernburg.

Rodrigo Veloso: O Judaísmo é conhecido por seu valor à palavra escrita, desde os



textos sagrados até a tradição da interpretação. Isso influencia sua relação com a linguagem literária? Há uma relação entre a forma literária e a tradição textual judaica?

Adriana Armony: Certamente influência. Como na tradição judaica, sinto que minha terra (pelo menos a prometida) são os livros. Além disso, minha literatura é uma “literatura de leitor”, na qual a interpretação assume papel decisivo. Alguns de meus livros inclusive remetem diretamente à leitura de outros escritores: é o caso de *A fome* de Nelson e Pagu no metrô.

Rodrigo: Quais autores judeus, brasileiros ou internacionais, mais influenciaram sua trajetória literária?

Adriana Armony: No Brasil, Clarice Lispector, certamente; na escrita de *Judite* no país do futuro, Zweig e Isaac Singer; e, de alguma forma, alguns dos meus autores preferidos: Amós Oz, Irene Nemirovski, Philip Roth, Sigmund Freud.

Rodrigo Veloso: Como você percebe o papel da mulher dentro da tradição judaica e de que forma isso aparece nas suas obras? Você poderia comentar sobre suas obras que têm nomes de mulheres como *Judite*, *Pagu* (Patrícia Galvão) e *Maria*, visto que são personagens femininas que enfrentam dilemas ligados à identidade e à tradição.

Adriana Armony: É verdade, metade dos meus livros têm nome de mulheres: *Judite*, da minha história familiar, dividida entre tradição e mudança, a sua própria como judia e como mulher e a dos seus descendentes no Brasil; *Pagu*, no campo da cultura e da literatura, ao mesmo tempo transgressora e presa da sociedade conservadora e machista; e *Maria*, vítima passiva aprisionada numa identidade forjada pela sociedade e narrada ativamente por uma outra, num jogo de espelhos em que as identidades se borram.

Rodrigo Veloso: A literatura pode ser uma forma de lidar com traumas históricos, como o Holocausto. De que maneira esse tema aparece em sua escrita ou em sua visão da literatura judaica? E na sua prática docente, como a literatura é trabalhada em sala de aula?

Adriana Armony: Entendo a leitura e a escrita em parte como uma forma de elaborar desejos e traumas: ao nomear e reescrever histórias somos capazes tanto de atribuir sentidos como de criar outros. A meu ver, isso vale tanto para o plano individual como para o coletivo. Em sala de aula, trabalho muito com a leitura cerrada, destacando o papel ativo do leitor na compreensão e construção da obra. Acredito que tornar o leitor ativo na leitura é tão importante quanto a escolha dos temas.

Rodrigo Veloso: Quais são os desafios de escrever sobre identidade judaica em um país como o Brasil, com sua diversidade cultural e religiosa? E como as *fake news* corroboram para o antissemitismo?

Adriana Armony: Em tempos de pobreza algorítmica e pensamento maniqueísta, o



antisemitismo passa a ser um dos principais ingredientes. É um bode expiatório que tem mais de 2 mil anos e está à mão, infelizmente agora reivindicado também pela esquerda supostamente esclarecida. A maioria esmagadora desconhece a tradição, a cultura e a complexidade judaica. E, de fato, o judaísmo humanista está numa posição difícil, diante da ascensão da extrema-direita e suas monstruosidades. Entre o silêncio e o cancelamento, muitos preferem o silêncio.

Rodrigo Veloso: A memória, tanto individual quanto coletiva, parece desempenhar um papel central em seus romances. Como você trabalha essa tensão entre a memória pessoal e a memória cultural judaica?

Adriana Armony: No meu caso, não há uma intenção explícita, a não ser em Judite no país do futuro, onde há um claro entrelaçamento entre memória pessoal e memória cultural judaica, uma refletindo e ao mesmo modificando a outra.

Rodrigo Veloso: No romance *Vamos chamá-la de Maria*, há uma reflexão sobre identidade e pertencimento. Como o Judaísmo e o gênero se entrelaçam na construção dessas identidades?

Adriana Armony: Provavelmente minhas questões de pertencimento e afastamento da cultura judaica se refletem nas minhas reflexões sobre gênero. Mas lembremos que o personagem questionador e transgressor também é parte da tradição judaica.

Rodrigo Veloso: O silêncio e a palavra são temas recorrentes tanto na tradição judaica quanto nas questões ligadas ao estudo do gênero. Como esses conceitos aparecem e se tensionam nos seus romances?

Adriana Armony: A meu ver, silêncio e palavra são recorrentes e complementares em qualquer circunstância. É fundamental saber ler o que não é dito, e em culturas tão silenciadas quanto a dos judeus e das mulheres, isso é ainda mais verdadeiro.

Rodrigo Veloso: Você enxerga sua literatura como um espaço para questionar ou reimaginar os papéis tradicionais de gênero dentro do Judaísmo ou fora dele?

Adriana Armony: Entendo a literatura como esta terra prometida: o lugar de reimaginar papéis e colocá-los em movimento. De preferência, fazendo-os dançar.

Rodrigo Veloso: Fazendo um pingue-pongue, um jogo rápido, irei mencionar algumas palavras e poderá me responder de maneira sucinta, se possível.

Literatura brasileira-judaica: Uma corrente temática ou sorrateira.

Holocausto: Palavra desconhecida que me assombrava na boca da minha avó.

Simbologia da água nos romances: O fluxo da vida. Meu signo de Peixes.

Mulheres escritoras judias: Deborah Levy, Irene Nemiróvski, Clarice Lispector, Cíntia Moscovich, Noemi Jaffe.

Homens escritores judeus: Kafka, Freud, Amós Oz, Roth, Michel Laub, Julián Fuks.

Literatura da Shoá: Primo Levi.

Literatura marrana: Clarice Lispector.

País do futuro: A imaginação. A ideia de futuro está em crise justamente porque a imaginação e o sonho se empobreceram.

Rodrigo Veloso: Você pode compartilhar um pouco sobre seus projetos literários atuais ou futuros? Há algo novo que os leitores podem esperar?

Adriana Armony: Meu próximo projeto, narrativo e ensaístico, gira em torno de sonhos, mas prefiro não entrar em detalhes por enquanto.

Rodrigo Veloso: Muito obrigado por compartilhar conosco o seu conhecimento e experiência ritualística de vida, bem como reiterar a importância de se falar da literatura judaico-brasileira no atual contexto contemporâneo. Excelente trabalho! Abraços!

Adriana Armony: Obrigada pelas ótimas perguntas e desculpe a demora.

Referência

ARMONY, Adriana. *Judite no país do futuro*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ARMONY, Adriana. *Vamos chamá-la de Maria*. São Paulo: Reformatório, 2023.

Enviado em: 02/04/2026

Aprovado em: 30/04/2026